

Coronel Vasco Lourenço sobre o texto “Acabou-se a Poesia” do Major-General Carlos Branco

Há muito tempo - mesmo há muito tempo - que venho alertando "todo o mundo", e em especial os mais elevados responsáveis (os políticos e os militares) para o destratamento a que as Forças Armadas e, por arrastamento, os militares vêm sendo sujeitos.

Por princípio, os militares, dada a sua natureza, não são muito defensores da existência de um sindicalismo militar.

Uma das "máximas" da instituição militar assenta em que "o responsável, logo o seu representante, dos militares é, em cada escalão de comando, o respectivo Comandante".

Daí a sua resistência ao sindicalismo.

Fui um dos que estiveram na luta pela constituição das Associações sócio profissionais de militares. Foi a solução encontrada, para conjugar as posições dos que consideravam que os Comandantes - mais especificamente os CEM,s- não estavam a defender de forma positiva os interesses dos seus subordinados e as dos que continuavam agarrados aos valores ancestrais das Forças Armadas.

Aconteceu, contudo que não se verificou nenhuma das duas premissas essenciais para o bom êxito da solução encontrada: nem os Comandantes Militares, diga-se os CEM,s, respeitaram devidamente as novéis associações, nem os responsáveis políticos, nomeadamente os diversos ministros da Defesa Nacional, olharam para as mesmas como uma legítima forma de representação dos militares.

Quantas vezes afirmei, quer a uns quer a outros, mas especialmente aos militares, que deveriam empregar as associações sócio profissionais como um dos seus melhores e mais valiosos instrumentos de Comando!

Ao olhar para trás, para todos estes anos, não deixo de me espantar como foi possível tanta ignorância e tanta incompetência!

O facto é que o Poder político confundiu, desde sempre, subordinação com submissão e subserviência. E os Comandantes militares, salvo muito poucas excepções, puseram sempre à frente de um capaz e efectivo Comando das Forças Armadas (a nível global ou sectorial) o cuidar da sua carreira pessoal, com medo de serem "despedidos".

Se há coisa que nunca percebi foi o facto de, atingida a quarta estrela, parecer querer-se lutar por uma quinta estrela que, como sabemos, nem existe!

Este artigo do general Carlos Branco - que saúdo na sua qualidade de futuro membro da Direcção da nossa Associação 25 de Abril - muito oportuno e assertivo, vem levantar uma série de problemas e constitui, em minha opinião um alerta para todos, seja para os responsáveis políticos, seja para os responsáveis militares.

Não vou comentar, ao pormenor, este valioso artigo. Ele contém muitas das razões de descontentamento dos militares.

No momento em que as Forças Armadas continuam a constituir o "único" instrumento eficaz da nossa política externa (sempre com os maiores louvores dos nossos parceiros), quando, apesar dos seus poucos recursos, são minorizadas no apoio à luta contra a crise sanitária (os boys e as girls não podem perder os lugares...), com os nefastos resultados que isso provoca, as Forças Armadas acabam de ver-se objecto da mais falaciosa atitude que se podia imaginar: como era necessário, politicamente, calar os ex-combatentes, cria-se-lhes um estatuto, onde se agitam uma série de "regalias". Nestas, a possibilidade de recorrerem ao Serviço de Saúde Militar ocupa lugar de relevo! Escondem é que, depois de destruir esse Serviço de Saúde Militar, que não consegue responder minimamente aos militares e familiares, o mesmo está incapaz - por muito boa vontade que os seus agentes demonstrem - para receber mais de 500.000 novos utentes, universo mínimo dos ex-combatentes e familiares.

Com atitudes como a da célebre directiva sobre vocabulário a utilizar nas Forças Armadas - a propósito, está-se à espera de conhecer o resultado da responsabilização de um acto que "obrigou" o MDN a anulá-la - e todas as que levam às situações que o Carlos Branco, sem ser exaustivo, enuncia, os responsáveis políticos e militares estão, de facto, "a gozar com a tropa"!

E se, como militar, mesmo na situação de reforma, isso já me preocupa imenso, o lembrar-me de 1973/1974 faz-me temer o pior!

Basta recordar que a motivação inicial da mobilização que nos levaria ao 25 de Abril foi o da "recuperação do prestígio das Forças Armadas, junto da população portuguesa"! Rapidamente ultrapassado (como objectivo, que não como instrumento), mas suficientemente apelativo para conduzir toda a conspiração.

Eu sei que o forte espírito democrático dos militares de Abril se impôs e implantou nas Forças Armadas.

Sei que os tempos de hoje não apontam para atitudes de revolta dos militares, contra o Poder estabelecido!

Estamos em Democracia, não estamos numa guerra sem sentido e sem fim à vista, tudo isso é verdade.

Mas, quando a desestruturação e conseqüente desprestígio das Forças Armadas (e dos militares), não provoca mais que a subserviência de muitas chefias (que nos faz lembrar uma célebre "brigada do reumático"), se verificam quando vemos os populismos radicais, claramente neo-fascistas, a avançar, há que "colocar as barbas de molho"!

Como responsável maior da Associação 25 de Abril, entendi que deveria ter esta intervenção. Assumo-a a título individual, confiante em que expresse o pensamento da generalidade, não só dos meus Camaradas de Abril mas também das mulheres e homens de Abril, não militares, associados na mesma.

Continuaremos a lutar, com todas as nossas forças e capacidades, para defender a sociedade resultante da extraordinária epopeia em que muitos de nós tivemos a sorte e a honra de participar.

Uma sociedade livre, democrática, justa e em Paz, com um Estado de Direito.

Continuamos a defender que "o povo é quem mais ordena".

Por nós, não desistimos.

Por isso, aqui fica um apelo aos mais elevados responsáveis políticos e militares: por favor, por gentileza, por dever de amor a Portugal, AJUDEM-NOS!

Cordiais saudações de Abril

Vasco Lourenço

P.S.

Sabemos que o fim do Serviço Militar Obrigatório poderá ter levado muitos políticos a deixar de olhar para as Forças Armadas como "espelho da Nação".

Sabemos que os governos são levados a pensar que as Forças de Segurança são mais facilmente instrumentalizadas pelo poder político.

Além de ser contra o interesse nacional, além de não ser nada patriótico, esse pensamento pode levar-nos a cometer erros incomensuráveis e perigosos.

Até porque, apesar de tudo, as Forças de Segurança também estão mais frágeis a instrumentalizações, por forças exteriores ao poder democrático.

Estou só a falar de teoria... mas, volto a outro ditado " caldos de galinha, nunca fizeram mal a ninguém!", ou "nunca fiando...".